



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES: INSERÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ACADÊMICOS EM UM CURSO DE PEDAGOGIA.**

**Junior Cesar Mota**

juniorcmota@univali.br

Universidade do Vale do Itajaí – Univali

Bolsista da CAPES.

**Vanessa Cristina Bauer**

advbauer76@gmail.com

Universidade do Vale do Itajaí - Univali

### **Eixo temático:** Educação Ambiental

**Resumo:** As percepções e representações sociais de meio ambiente enfatizadas nos cursos de formação inicial juntamente àquelas construídas historicamente pelos sujeitos, são fundamentais para a formação de formadores ambientais. Assim, esse trabalho tem por objetivo analisar qual a ênfase que a Educação Ambiental (EA) possui na grade curricular de um curso de Pedagogia oferecido a distância em um Centro Universitário do Vale do Itajaí, caracterizando as representações sociais de Meio Ambiente dos acadêmicos em formação inicial. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo de Estudo de Caso, utilizando a análise documental, entrevista semiestruturada e questionários como fontes de evidências para a coleta de dados. Para a análise, os pressupostos de Bardin (2006), no que se refere à análise de conteúdo, foram empregados. Ainda, ancorou-se primordialmente em Reigota (2004) e Moscovici (2003), no que diz respeito à percepção e representação social de meio ambiente. Os resultados apontam uma tendência naturalista nas representações sobre meio ambiente, embora uma quantidade significativa apresenta ideias voltadas às representações globalizante e antropocêntrica. Com isso, percebeu-se que a formação inicial caminha para uma EA inovadora, entretanto ainda persistem ideias de uma EA conservadora, possivelmente adquiridas a partir das experiências dos sujeitos, sejam elas na trajetória escolar ou não.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Percepção ambiental. Representação social.

### **1. Introdução**

As discussões sobre as formações com ênfase na Educação Ambiental (EA) são necessárias diante das situações encontradas nos espaços escolares. A predominância verificada em estudos como os de Trajber e Mendonça (2006), de que a EA é desenvolvida na maioria das escolas na forma de projetos, disciplinas especiais e inserção da temática ambiental nas disciplinas, muitas vezes de forma tradicional, com destaque às datas



ecológicas; a ausência de metodologias inovadoras para inserção da dimensão ambiental no ensino; o desconhecimento de concepções de ambiente, são possíveis fatores que estagnam o processo de sensibilização ambiental das crianças e jovens.

Para Guimarães (2004) os profissionais que atuam nas escolas estão sendo formados em paradigmas obsoletos de educação. Ou seja, não estão sendo preparados para atuar em prol a uma EA transformadora, mas sim conservadora.

Para Guerra, Figueiredo e Schmidt (2012), a EA precisa integrar significativamente a proposta pedagógica das instituições de ensino, da Educação Infantil à Educação Superior, interdisciplinar e transversalmente. Essas orientações exigem uma atuação mais ampla na escola e na universidade, o que só é possível por meio da formação inicial e continuada, uma sólida formação teórico-metodológica sobre as questões ambientais e de sustentabilidade, a identificação de estratégias e recursos, e o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras voltadas à sustentabilidade em suas diferentes dimensões.

Nesse sentido, compreendendo a importância da articulação da EA em todas as etapas de ensino, esse trabalho gira em torno do objetivo de analisar qual a ênfase que a EA possui na grade curricular de um curso de Pedagogia oferecido a distância (EAD) em um Centro Universitário do Vale do Itajaí, caracterizando as representações sociais de Meio Ambiente dos acadêmicos em formação inicial.

As percepções e representações sociais de meio ambiente enfatizadas nos cursos de formação inicial juntamente àquelas construídas historicamente pelos sujeitos, são fundamentais para a formação de formadores ambientais que atuarão nas instituições escolares com crianças e jovens. Para Reigota (2004), a percepção ambiental pode ser caracterizada como uma representação social, sendo esta um fator indispensável para a EA. Moscovici (2003), salienta que representação social pode ser considerada como um conjunto de valores, ideias e práticas, tendo em vista estabelecer uma ordem que permitirá aos sujeitos orientação em seu mundo social e a partir disto,



controlá-lo, bem como analisar os aspectos de seu mundo da sua história individual e coletiva.

Ao considerar a dimensão das vivências e das experiências construídas no decorrer da história do ser, estabelece-se conexões e influências no modo de estar e interpretar o mundo. São nessas interpretações que os sujeitos percebem, de modo mais reflexivo, que não estão apenas imersos no mundo, mas que fazem parte dele.

Enquanto sou no mundo, ele se manifesta em minhas experiências. Vivo minhas experiências sempre a partir de meu corpo, que é histórico e cuja história carrega os invariantes dessas experiências. Minha experiência é multiperspectival e não se reduz a nenhum momento efetivo. As coisas me oferecem suas faces e eu as percebo de diversos pontos de vista [...]. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 83)

Com isto, nota-se que a percepção vai além das capacidades orgânicas e/ou corporais. Indispensáveis a estas, as relações mentais - de pensamento e reflexão, de memória e relação, bem como as múltiplas capacidades de interpretação do objeto de estudo – precisam ser estimuladas. “A percepção está sempre agindo nos estágios de formação dos conhecimentos, mas jamais age sozinha e o que se lhe acompanha é pelo menos, tão importante quanto ela em tal elaboração” (PIAGET, 1973, p. 71).

Diante desses fatos, esse trabalho está organizado em seções para uma melhor compreensão das ideias e dados nele apresentados. Primeiramente, apresenta-se a temática e o objetivo na pesquisa na introdução. Posterior a isso, segue a metodologia do trabalho, caracterizando a abordagem da investigação, a tipologia, os sujeitos da pesquisa, bem como as fontes de evidências para coleta de dados e o processo metodológico de análise dos mesmos. Após isso, segue o subitem “discussão e análise dos dados” que, como já explícito no título, evidencia os dados coletados e sua análise, dialogando com os referenciais teóricos. Por fim, são traçadas as considerações finais e as referências utilizadas durante a pesquisa.

## **2. Metodologia**



Nessa pesquisa, optou-se em se apropriar da abordagem qualitativa. Na busca de compreender ou buscar uma definição concreta para tal abordagem, Schwandt (2006, p. 194), afirma que “é melhor entender a investigação qualitativa como um terreno ou uma arena para a crítica científica social, do que como um tipo específico de teoria social, metodologia ou filosofia”. Estabelecendo um diálogo com Ludke e André (2012), esse tipo de abordagem busca compreender a totalidade do fenômeno, salientando a importância das interpretações dos eventos.

Em relação à tipologia, trata-se de um Estudo de Caso. Segundo Yin (2010) o Estudo de Caso é uma estratégia utilizada de forma extensiva e que tem ganhado espaço nas pesquisas científicas. Para Chizzotti (2006, p.102), “é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular [...] a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência”.

Os sujeitos desta pesquisa são 38 acadêmicos que cursam o 7º período de Pedagogia na modalidade EAD e o respectivo tutor externo de um Centro Universitário do Vale do Itajaí. Para a coleta de dados, utilizou-se a análise documental da grade curricular do curso, a aplicação de questionários com os acadêmicos e entrevista semiestruturada com o tutor externo da turma analisada.

A análise documental é uma metodologia de coleta de dados relevante para o estudo de caso. De acordo com Iglesias e Gómez (2004, p. 2), esse procedimento metodológico possibilita ao pesquisador “descrever e representar o conteúdo dos documentos de uma forma distinta do original, garantindo a recuperação da informação nele contida e possibilitar seu intercâmbio e uso.”

Já a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Ainda, são uma fonte essencial de evidência do estudo de caso porque a maioria delas é sobre assuntos humanos ou eventos comportamentais. “Os entrevistados bem-informados podem proporcionar insights importantes sobre esses assuntos ou eventos” (YIN, 2010, p.135).



Em relação a utilização do questionário, Chizzotti (2006, p. 55) o define

Como um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes, respostas por escrito ou verbalmente sobre o assunto que os informantes saibam opinar ou informar.

Vale ressaltar que a aplicação do questionário com os acadêmicos ocorreu presencialmente, onde todos responderam as questões elaboradas. Tratou-se de um questionário com 10 questões, elencando assuntos voltados ao meio ambiente, baseadas nos tipos de representações ambiental de Reigota.

Com os resultados advindos dessas coletas, fez-se a triangulação dos dados com o propósito de atingir maior credibilidade à pesquisa realizada. Decrop (2004, p. 45) aponta que “informações provenientes de diferentes ângulos podem ser usadas para corroborar, elaborar ou iluminar o problema de pesquisa”. A triangulação permite olhar para o mesmo fenômeno, ou questão de pesquisa, a partir de mais de uma fonte de dados.

Com o propósito de alcançar o objetivo proposto, ancorou-se com maior ênfase nos pressupostos teórico-epistemológicos de Reigota (2004) no que se refere à Representação Social de Meio Ambiente e na Análise de conteúdo de Bardin (1977) para a análise dos resultados obtidos. Segundo o autor (2006, p. 38), o método consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

### **3. Discussão e análise dos dados**

Ao analisar a grade curricular do curso de Pedagogia, percebeu-se que esta é constituída por quarenta disciplinas, incluindo os estágios obrigatórios, num total de 3320 horas. Dentro dessas disciplinas, notou-se a ausência de uma que se refira especificamente à EA e que na grade consta somente a disciplina intitulada “Ensino de Ciências Naturais e Saúde Infantil” que, ao ter sua ementa analisada, percebeu-se que apresenta alguns traços de EA a ser



trabalhada em uma perspectiva conservacionista (SAUVÈ, 2003), visando a conservação ambiental.

Com isto, há de se concordar com Trajber e Mendonça (2006) quando aponta que a EA vêm sendo trabalhada incluída em disciplinas especiais. Nesse caso, a formação inicial desses professores induz que as aulas de Ciências sejam o momento mais oportuno para que se trabalhe a EA. Referente a isto, ao realizar a entrevista com o tutor externo da turma, foi levantada a questão de como a EA é trabalhada no decorrer do processo de formação e o fato da inexistência de uma disciplina específica. Segundo o tutor “havia uma disciplina chamada “Meio Ambiente e Sociedade”, porém, ao construir a nova grade curricular do curso, foi eliminada sem quaisquer explicações. Agora o pouco que se trabalha a EA é na disciplina de Ciências, na qual tentamos abordar e chamar a atenção dos acadêmicos sobre os cuidados com o meio ambiente”.

Em relação a isso, Guerra e Orsi (2008) questionam como os educadores (as) desenvolverão conhecimentos teóricos-metodológicos, atitudes e valores ambientais para inserir a EA em suas práticas se no Ensino Superior pouco tem sido realizado para incluir a temática ambiental na formação inicial e continuada de professores (as)?

Buscando algumas respostas, recorreu-se aos dados obtidos pela aplicação dos questionários com os acadêmicos. Estes foram discutidos e embasados nas categorias de análises apresentadas por Reigota (2004), o qual apresenta que as representações mais comuns são: naturalista, globalizante e antropocêntrica. Posterior à análise das respostas obtidas, evidenciou-se que:

- 47% dos acadêmicos apresentam uma representação social de meio ambiente **naturalista**. Para o autor, esses sujeitos são aqueles que salientam que o meio ambiente está voltado apenas à natureza, evidenciando aspectos naturais. Apontam para aspectos da fauna e a flora, mas excluem o ser humano do contexto;
- 29% dos acadêmicos representam o meio ambiente de modo **globalizante**. Para estes, segundo o teórico, “o meio ambiente é caracterizado



como as relações entre a natureza e a sociedade. Engloba aspectos naturais políticos, sociais, econômicos, filosóficos e culturais. O ser humano é compreendido como ser social que vive em comunidade”;

- 24% representam o meio ambiente como **antropocêntrico**. Reigota afirma que para estes indivíduos “o meio ambiente é reconhecido pelos seus recursos naturais, mas são de utilidade para a sobrevivência do homem”.

Diante dos resultados, percebe-se que ainda há uma tendência naturalista nas representações sobre meio ambiente dos acadêmicos, embora uma quantidade significativa apresenta ideias voltadas às representações globalizante e antropocêntrica.

Ainda que haja uma visão de que, estudos desse porte não possuem relevância para o meio científico, vale ressaltar que a importância de obter essas representações do grupo de acadêmicos para o processo de formação profissional. Segundo Cunha e Zeni (2007), é necessário conhecer a representação social vigente de um grupo, para que se possa realizar atividades que respeitem e trabalhem de forma efetiva os conhecimentos já existentes e outros conhecimentos a serem mediados, promovendo uma troca e construção de novos conhecimentos.

#### 4. Considerações finais

A formação no Ensino Superior exige das instituições que as mesmas utilizem metodologias e concepções inovadoras no que se refere à EA, que rompam com os paradigmas conservadores e obsoletos da educação tradicional, mais especificamente, a educação tradicional ambiental.

A pesquisa realizada demonstrou que a formação inicial dos futuros profissionais da educação caminha para uma EA inovadora, entretanto ainda persistem ideias de uma EA conservadora, possivelmente adquiridas a partir das experiências vividas pelos sujeitos, sejam elas na trajetória escolar ou não.

Ainda, foi possível perceber que a EA ainda é pouco articulada no processo educativo e na Educação Superior não é diferente. A formação de



um educador ambiental não é apenas de caráter instrumental técnico-metodológico. De acordo com Guimarães (2004), precisa além de tudo, fornecer uma formação político-filosófica para torná-lo um transformador, capaz de criar resistências, potencializar brechas e construir, gradativamente, currículos voltados à sustentabilidade e aos saberes socioambientais.

Se não houver um esforço para renovar os paradigmas obsoletos em que se baseiam as práticas ambientais nas formações, há uma gradativa probabilidade de não ocorrerem situações de sensibilização e de mudança no modo de pensar e agir com responsabilidade diante da realidade da crise socioambiental nos espaços em que esses profissionais irão trabalhar.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CUNHA, Taiana Silva; ZENI, Ana Lúcia Bertarello. A representação social de meio ambiente para alunos de ciências e biologia: subsídio para atividades em educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA)**, Rio Grande, RS, v. 18, p. 151-162, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3326>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

DECROP, Alain. Qualitative Research Praticce. A guide for social science students and researchers. **Rechercher et Applications en Marketing**, v. 19, p. 126-127, 2004.

GUERRA, Antonio Fernando Silveira; FIGUEIREDO, Mara Lúcia; SCHMIDT, Elisabeth Brandão. Educação para a sustentabilidade: formação inicial e continuada para ambientalização curricular nos cursos de licenciatura e na educação básica. *In*: REBOLO, F.; TEIXEIRA, L. R. M.; PERRELLI, M. A. **Docência em questão**: discutindo trabalho e formação. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2012, p. 229-263

\_\_\_\_\_; ORSI, Raquel Mafrá. Tendências, abordagens e caminhos trilhados no processo de formação continuada em Educação Ambiental. **Rev. Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**. v. especial, dezembro, FURG, 2008. p. 28 – 45.





GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papyrus, 2004.

IGLESIAS, María Elinor Dulzaides; GÓMEZ, Ana María Molina. Análisis documental y de información: dos componentes de un mismo proceso. **ACIMED**, Ciudad de La Habana, v. 12, n. 2, p. 1-5, mar./abr. 2004. Disponível em: < [http://bvs.sld.cu/revistas/aci/vol12\\_2\\_04/aci11204.htm](http://bvs.sld.cu/revistas/aci/vol12_2_04/aci11204.htm)>. Acesso em: 04 jun. 2015.

LUDKE, Menga; ANDRÊ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3 ed. São Paulo: Martins Flores, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

PIAGET, Jean. **Psicologia e epistemologia** – por uma teoria do conhecimento. São Paulo: Ed Forense, 1973.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHWANDT, Thomas. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. *In*: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonne. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

TRAJBER, Rachel; MENDONÇA, Patrícia Ramos (Orgs.). **O que fazem as escolas que dizem que fazem Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. 256p.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4ªed. Porto Alegre: Bookman, 2010.